

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E SEUS USOS: OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS EM SALA DE AULA

ANA GABRIELA DA SILVA VIEIRA¹; LISIANE SIAS MANKE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ags.21@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lisianemanke@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se abordar questões relativas a uma experiência com investigação etnográfica em duas escolas municipais da cidade de Pelotas – RS. Tal experiência é relativa a uma pesquisa – ainda em andamento – que tem por objetivos a análise dos diferentes usos dos livros didáticos de História feitos pelos alunos, tanto em sala de aula quanto fora dela. Neste sentido, entre outros, busca investigar as práticas de leitura, os protocolos de leitura nos livros didáticos e a mediação destas práticas pelos professores. O livro didático é um material frequentemente utilizado pelos docentes do ensino básico, sendo assim, um objeto de bastante expressão.

Minha participação nesta pesquisa se deu, sobretudo, no trabalho etnográfico desenvolvido nas escolas. Por isso este texto tem por objetivo específico, apresentar a experiência de pesquisa etnográfica em sala de aula, discutindo as estratégias de pesquisa utilizadas para compreender a relação que alunos de oitava série, de duas escolas municipais de Pelotas, estabelecem com o livro didático. Os primeiros meses foram voltados para um aprofundamento teórico e metodológico, que se mostrou fundamental para a realização do trabalho etnográfico; afinal, o pesquisador não pode entrar em campo sem nenhum direcionamento. Posteriormente, iniciaram-se as observações participantes nas aulas de História de duas turmas de oitava série – uma com 16 e a outra com 28 alunos. Com alunos destas mesmas turmas, foram feitos grupos focais a fim de trabalhar e discutir mais profundamente as questões relativas às práticas de leituras em livros didáticos.

Dado o objetivo do presente trabalho, convém salientar algumas questões relativas à Etnografia e suas relações com a Educação. A etnografia é um método de pesquisa que surge vinculado à antropologia e relacionado à uma ânsia de compreender o outro. AMEIGEIRAS (2006) a caracteriza como um método de investigação social no qual o pesquisador se insere no contexto de seu objeto de estudo, buscando compreender e descrever o ponto de vista daqueles sujeitos que estão sendo observados. Neste sentido, MATTOS (2011) aponta que a educação – a partir dos anos 70 – passa a ser uma área de interesse para os estudos etnográficos que versam sobre as relações entre os sujeitos educacionais e ao processo de ensino-aprendizagem.

2. METODOLOGIA

O início do trabalho ficou condicionado a leituras de apropriação do campo teórico da pesquisa, fundamentais para o desenvolvimento da investigação de campo. Em relação ao trabalho etnográfico buscou-se, sobretudo, respaldo nas obras *Estrategias de investigación cualitativa*, organizada por GIALDINO (2006); e *Metodología da Pesquisa Qualitativa em Educação*, cujas organizadoras foram WELLER e PFAFF (2013). Para compreender os conceitos que envolvem as práticas de leitura – como leitura oral e coletiva, leitura silenciosa e individual, leitura

intensiva, leitura extensiva, protocolos de leitura e apropriação – utilizou-se autores como CERTEAU (1994), CHARTIER (2001), DARNTON (1995), entre outros. Esta fase é de suma importância para que o pesquisador saiba o que observar e, deste modo, entre em campo com algum direcionamento.

Segundo AMEIGEIRAS (2006), o pesquisador se transforma depois da experiência de investigação etnográfica, pois ela provoca o desenvolvimento de diversas percepções. Assim, para o autor, o aprendizado do trabalho etnográfico está associado ao aprendizado do olhar, do diálogo e do registro. Nesta experiência, muitas dificuldades apareceram nos primeiros dias de observação participante, justamente pela dificuldade de perceber algumas coisas em campo. Por exemplo: perceber se o aluno está envolvido com a aula e com o livro didático; se o aluno, através das respostas às perguntas do docente, comprehendeu, de fato, o que leu; se o aluno conhece o próprio livro, ou se o objeto lhe é estranho.

Em relação ao diálogo, ele também foi se desenvolvendo ao longo do trabalho etnográfico, embora de maneira desigual em ambas as escolas, devido a abertura das docentes em relação à pesquisa. Tentou-se medir, desde a entrada em campo, o quanto se deveria intervir durante as aulas. Acabou-se por definir que o ideal seriam poucas intervenções que buscassem uma maior aproximação com os alunos para melhor compreender os usos dos livros didáticos de História. Mas, a aprendizagem do escutar de maneira mais atenta – capacidade associada ao diálogo por AMEIGEIRAS (2006) – foi bem desenvolvida durante a pesquisa, favorecendo a veracidade do registro.

No que diz respeito ao registro, acreditou-se que o melhor caminho tenha sido a feitura de notas de campo. ALMEIGEIRAS (2006) aponta para os dois tipos de notas de campo existentes: o informe condensado e o informe ampliado. O informe condensado são as notas de campo feitas no local de observação, já o informe ampliado é feito posteriormente, após reflexão do pesquisador. Seguindo este parâmetro, realizou-se os dois tipos para melhor registro do trabalho etnográfico. As notas de campo se tornaram cada vez mais minuciosas ao longo dos meses. Inicialmente, elas acabaram sendo relativas apenas à relação do aluno com o livro didático. Posteriormente, passaram a incluir informações e reflexões sobre o cotidiano daquela turma e as práticas pedagógicas das aulas de História; buscando, assim, compreender questões específicas, como as práticas de leitura realizadas pelos alunos.

Além disso, também trabalhou-se com grupos focais que, segundo WELLER (2013) é um dos métodos mais populares em termos de entrevistas realizadas em grupo. A autora afirma que neste método o pesquisador intervém durante o processo, atuando como um facilitador do debate provocado no grupo focal. A dinâmica que se decidiu utilizar nestes grupos foi a seguinte: dividiu-se os alunos dois grupos, um deles recebeu livros didáticos – o mesmo que utilizam em aula – e o outro recebeu um texto retirado do livro didático, mas digitado e impresso (sem imagens, negritos, itálicos, tabelas, quadros explicativos, glossários, etc.). Os dois grupos leram o mesmo texto, com as diferenças supracitadas. Através de um debate com todos os alunos participantes e das perguntas feitas a eles objetiva-se compreender algumas dicotomias entre os sentidos produzidos em relação aos mesmos textos, que apresentavam-se em suportes diferentes. (CHARTIER, 2001)

Houveram problemáticas em ambas as escolas. Em uma delas o grupo focal ocorreu no horário normal de aula, pois a escola achou por bem que assim o fosse. Isto acarretou em algumas dificuldades: em primeiro lugar devido a quantidade de alunos (16) participando; além disso, por não terem colaborado voluntariamente com

o grupo focal, alguns alunos – embora tenham sido poucos – não estavam focados na dinâmica proposta. Na segunda escola, os grupos focais se realizaram no contra período, contando com a disponibilidade dos alunos. O principal problema que surgiu foi o não comparecimento de parte dos discentes no dia marcado, sendo necessário remarcar nova data.

Outra ferramenta de coleta de dados utilizada foi a aplicação de um questionário aos alunos das duas turmas observadas, com o objetivo de compreender o contexto social e cultural dos alunos. As perguntas feitas estavam relacionadas, sobretudo, ao acesso que os estudantes observados têm a livros, o quanto eles leem no seu cotidiano e à relação que cada um deles estabelece com a disciplina de História. O questionário contou tanto com questões de múltipla escolha quanto com questões dissertativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa etnográfica permitiu a feitura de uma série de constatações relativas ao uso do livro didático pelos alunos das duas turmas observadas. Uma questão interessante que foi possível notar é o fato de que os alunos, ao resolver questões de História (tanto as propostas pelo livro didático quanto as elaboradas pela professora) utilizam o livro didático como fonte de pesquisa. Embora alguns alunos façam uma leitura completa do capítulo ou da unidade para responder as questões, foi possível perceber que grande parte utiliza as facilidades que o livro didático em questão traz (tópicos, palavras em negrito, quadros explicativos, etc.) para ler somente as partes do texto que trarão a resposta que procuram.

Um outro ponto que chamou atenção foi a vontade dos alunos de realizar a leitura oral do livro didático. Em uma das escolas observadas, era uma prática comum da professora solicitar aos alunos que lessem, em voz alta, o livro. Sempre que ela fazia tal solicitação, haviam voluntários que se disponibilizavam para ler. Em alguns momentos, até mesmo alunos reclamaram do fato de não ser a vez deles de realizar a leitura. Mesmo na outra escola, onde a professora não tinha a prática de solicitar leitura oral por parte dos alunos; durante os grupos focais, alguns se voluntariaram para a leitura. Houve até mesmo um caso, no qual um aluno começou a leitura de uma página do livro didático e quando solicitado que ele parasse, ele pediu para continuar a leitura.

Em relação experiência de uma investigação etnográfica em contextos escolares, também é possível apontar algumas considerações. Em primeiro lugar, a postura da escola frente a pesquisa pode facilitar ou dificultar. Para um bom desenvolvimento do trabalho, é preciso que a escola aceite receber o pesquisador e que disponibilize o espaço para a realização de atividades – neste caso, os grupos focais. A permissão para registrar as aulas com gravações de áudio, por exemplo – que enriquece amplamente a pesquisa, pois permite captar as falas exatas de alunos e professores, sem ter que passar pela mediação do pesquisador – só foi obtida em uma das duas escolas.

Além disso, é claro que a postura de alunos e professores é fundamental para boa realização do trabalho etnográfico, afinal eles são os grandes colaboradores desta pesquisa. Além do aval da escola, é decisão deles permitir gravações de áudio e dar ao pesquisador acesso às provas e aos trabalhos realizados em sala de aula ou fora dela. Além disso, é o professor que decide o quanto a participação do pesquisador durante as aulas é bem-vinda, determinando a aproximação entre observador e sujeitos observados. A disposição dos alunos em colaborar com a

pesquisa foi fundamental nesta experiência: em primeiro lugar, por se disponibilizarem a ir à escola no contra período para participar dos grupos focais; e também por responderem os questionários de forma extensa e clara.

Outro ponto a ser abordado é a dificuldade – que ficou bem clara nesta experiência - do pesquisador em separar suas emoções e valores morais pessoais da atuação em campo, bem como de medir o envolvimento adequado com os sujeitos observados. Segundo GÜNTHER (2006), um determinado envolvimento emocional com objeto de estudo faz parte das pesquisas qualitativas. Não se deve, tampouco, desconsiderar que o pesquisador é um sujeito social e histórico; porém, é preciso ter em mente o foco do trabalho etnográfico, que é a compreensão do contexto observado a partir do ponto de vista dos sujeitos que o compõem.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa focou-se, até este momento, na observação participante das turmas (Já observou-se 15 aulas em cada turma) o que propiciou algumas constatações sobre o uso do livro didático pelos alunos e sobre a mediação dele pelo professor e também na aprendizagem do trabalho etnográfico, passando pela compreensão dos benefícios e das dificuldades que envolvem esta metodologia. Ainda em andamento, a pesquisa pretende dar continuidade às observações participantes; analisar os protocolos de leitura do Projeto Araribá – História, 9º ano, 2010 (livro utilizado pelos alunos das duas turmas observadas) e realizar uma análise mais profunda dos dados obtidos até então. A presente pesquisa é inovadora e colaborará amplamente para a investigação relativa ao uso dos livros didáticos de História; afinal, embora seja amplo o estudo nesta área, poucas pesquisas se realizam no sentido de compreender o uso e a apropriação dos alunos deste material.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMEIGEIRAS, A.R. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: GIALDINO, I.V. de (Org.). **Estrategias de investigación cualitativa**. Barcelona: Gedisa, 2006. Cap. 3, p.107-153.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília: v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.
- MATTOS, C.L.G. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 25-48.
- WELLER, W. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap.1, p.54-66.